

SOPHIA E A DESALIAENAÇÃO CULTURAL: ARQUITETAR CASAS BELAS¹

SOPHIA AND THE CULTURAL DISALIENATION: ARCHITECTING BEAUTIFUL HOUSES

Marta Pais Oliveira

Universidade do Porto / ILCML

orcid.org/0009-0008-9913-1858

martapaisoliveira@gmail.com

RESUMO

Numa entrevista à Emissora Nacional, dez dias depois do 25 de abril, Sophia de Mello Breyner Andresen defende a casa como imagem do mundo. Aponta a alienação cultural como um dos grandes problemas do povo português (e dos povos do mundo ocidental) e defende a importância da beleza da casa para a educação da consciência humana. Na revista literária *Távola Redonda*, em 1963, Andresen já tinha apontado a arquitectura como expressão de uma “relação justa com a paisagem e com o mundo social”, sendo necessário que “aqueles que vão construir amem o espaço, a luz e o próximo”. Ao ler o poema “Revolução”, de 27 de abril de 1974, este artigo pensa a casa em Sophia em ligação a um ideal de inteireza.

PALAVRAS-CHAVE: Sophia de Mello Breyner Andresen; 25 de abril; arquitetura; política; beleza.

ABSTRACT

In an interview with Emissora Nacional, ten days after April 25, Sophia de Mello Breyner Andresen defends the house as an image of the world. She points to cultural alienation as one of the greatest problems of the Portuguese people (and the peoples of the Western world) and defends the importance of the beauty of the home for the education of human conscience. In the *Távola*

¹ Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020 – <https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020>).

Redonda literary magazine, in 1963, Andresen had already pointed to architecture as an expression of a “fair relationship with the landscape and the social world”, requiring that “those who are going to build love space, light and their neighbors”. By reading the poem “Revolution”, from April 27, 1974, this article considers Sophia’s house in connection with an ideal of wholeness.

KEYWORDS: *Sophia de Mello Breyner Andresen; April 25; architecture; politics; beauty.*

E um sonhador de casas vê casas em todo o lado.

Gaston Bachelard

*O que permanece
os poetas o fundam.*

Hölderlin

Tinham passado dez dias sobre o 25 de abril de 1974. Numa entrevista à Emissora Nacional, Sophia de Mello Breyner Andresen defende:

Eu acho que um dos grandes problemas do povo português e de todos os povos modernos do mundo ocidental é a alienação cultural. [...] A cultura não é só saber, não é erudição, é uma educação [...] para a consciência.

A casa é uma imagem do mundo [...]. O homem que não tem uma casa que é verdadeiramente sua é um homem alienado. Não basta que a casa tenha um teto que impede a chuva de entrar, não basta que tenha condições materiais de vida. É necessário que a casa tenha beleza. (Andresen, 1974)

Se a imagem que cada um tem do mundo – imagem que funda a sua consciência – começa na casa que habita, a beleza é nomeada como política. Na mesma entrevista, Sophia aponta a falta de equilíbrio (interior e relacional) a que o humano é submetido quando se vê privado dessa necessidade primordial:

A beleza não é um luxo para estetas, privilegiados. Não é um ornamento, não é para estar nos salões nem nos palácios. A beleza é para estar na rua e na casa de cada um. [...] Fazer um prédio feio é tão caro como fazer um prédio bonito. O que é necessário é que,

justamente, nas construções que vão ter rendas mais baratas, que vão ter casas mais económicas, trabalhem os melhores arquitetos. (*Ibid*)

Segundo Sophia, sem beleza não existe a possibilidade de harmonia e de comunhão com o meio envolvente. Este é um pensamento a que volta recorrentes vezes. Doze anos antes, em plena ditadura, já havia escrito no nº 21 da revista *Távola Redonda* que a beleza “não é um luxo para estetas, não é um ornamento da vida, um enfeite inútil, um capricho. A beleza é uma necessidade, um princípio de educação e de alegria.” Num país analfabeto e pobre, a alienação começa na ausência de um “educar para a consciência” – a definição de cultura de Sophia – iniciando-se um contínuo afastar-se de si e dos outros.

Alienação – a morte em vida – que está muito presente no livro *O problema da habitação – alguns aspectos*, de Ruy Belo, de 1962. “É bom saber que há revolução lá longe recebê-la ainda quente das máquinas dos dedos para tudo morrer na boca que se abre (de sono ou no dentista)” (Belo, 1962, p. 34); “Respiras estás de pé ocupas algum espaço embora a título precário” (*Ibid*, p. 48). Esta falta de estabilidade – como um corpo que não se equilibra – reconhece, no entanto, o valor do espaço abrigado: “uma casa é a coisa mais séria da vida” (*Ibid*, p. 31). Acrescente-se que para Belo existe a possibilidade, mesmo que dúbia, de evasão. “Talvez nos resta uma janela sobre a madrugada” (*Ibid*, p. 39). Mas a esperança logo se dissipa. “Não há tempo ou lugar onde habitar”, “Não há mais folha ou casa ou alegria onde habitar” (*Ibid*, p. 54-55). Como se corpo, vontade e espaço não se encontrassem, desacerto que provoca a morte em vida. Sem uma morada onde permanecer, o sujeito desintegra-se. Este é o conceito de alienação muito presente na poética de Sophia.

Inquietando-se com a forma como habitamos, a autora mostrou a relação indissociável entre o humano e o seu meio, como se pode ler em “Arte Poética III” (texto dito em 1964 na Sociedade Portuguesa de Escritores, no âmbito da entrega do Grande Prémio de Poesia atribuído a *Livro Sexto*):

Quem procura uma relação justa com a pedra, com a árvore, com o rio, é necessariamente levado, pelo espírito de verdade que o anima, a procurar uma relação justa com o homem. Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo. Aquele que vê o fenómeno quer ver todo o fenómeno. É apenas uma questão de atenção, de sequência e de rigor. (Andresen, 2015, p. 893)

Esta visão ultrapassa o antropocentrismo e, de um ponto de vista cosmocêntrico, entende que todos os seres vivos se relacionam com a matéria do mundo e estabelecem

trocas entre si, apontando para a aliança visível no cosmos: o mundo ordenado e belo. É pertinente lembrar como Martin Heidegger, no ensaio “Construir, Habitar, Pensar”, de 1951, defendeu que, se habitar é cuidar, “os mortais habitam na medida em que salvam a terra [...]. O Salvar a terra não a domina nem a torna um objeto, pelo qual está apenas a um passo para a exploração sem limites” (Heidegger, 1951, p. 282). Salvar: deixar livre na sua essência, conservar como uma forma de construir. E Heidegger recupera uma ideia da Antiguidade Clássica, lembrando o que os gregos não chamavam de arte ou ofício, mas o “deixar aparecer algo. [...] Apenas quando somos capazes de habitar, poderemos construir” (*Ibid*, p. 292). Neste sentido, o filósofo diz faltar perguntar: como habitar? Sophia encontrará muitas respostas na Antiguidade Clássica.

Pensar a medida humana em relação ao mundo é, na autora, ler *O nu na Antiguidade Clássica*. Neste ensaio é clarificado o que entende como a origem da beleza, a partir do *canon* de Policleto – a beleza não deve ser criada mas descoberta, desocultada: “pois a beleza não é exterior àquilo que manifesta. Trata-se de decifrar a lei do corpo humano, e a proporção – a simetria – que esse corpo manifesta e que o insere na ordem do universo” (Andresen, 1975, p. 26). O desejo é muito claro: o que “o homem grego espera do poeta, do pintor, do escultor, do arquiteto e do músico é que lhe revele o divino” (*Ibid*, p. 30). Sophia faz questão de relacionar a forma da ânfora com a do corpo humano, em ambas adivinhando o equilíbrio que as integra na unidade cósmica.

a clareza, o rigor, a busca da proporção e do ritmo, o entendimento da proporção como princípio da beleza, a capacidade de dizer com os meios mais simples — numa economia semelhante à do poema escrito com poucas palavras —, a articulação firme, o espírito atomístico onde cada elemento se integra no todo mas permanece inteiro separado do todo, a geometria, a busca da forma necessária, justa, essencial. (*Ibid*, p. 41)

A partir de Policleto, defende o gênio grego como “a busca de uma harmonia pela qual o ser individual se integra num conjunto sem se perder nele, como a coluna feita para ser integrada no templo mas que no entanto é inteira em si mesma, existe em si e por si, mesmo separada do templo.” (*Ibid*, p. 92). Ao meditar sobre a estátua do Kouros, nomeia a “aliança do corpo humano com a pedra, com o pinhal, com o rio. Imagem de um momento onde o homem se crê divino e confia e se alegra na própria possibilidade e na própria beleza” (*Ibid*, p. 56). Sabe que o Kouros ensina o contrário da desalienação porque “só estando poeticamente no mundo, estamos realmente no mundo” (*Ibid*, p. 56).

Para a poetisa, a natureza ensina a arquitetura: é no seu ritmo e na sua forma justa que se aprendem os princípios basilares para construir.² E por isso vemos “desabar ininterruptamente a arquitetura das ondas” (Andresen, 1972, p. 592) ou são alimento as “Palmeiras geometria” (Andresen, 1967, p. 540). Há um *nexo* que separa a verdade da alienação.

Se as formas gregas não se esgotaram é porque entre elas e nós existe um *nexo*, é porque elas partem da mesma necessidade de que nós partimos. A Grécia recomeça sempre que reconhecemos como verdade, e não como exílio, como alheio, como alienação ou ilusão, o mundo em que estamos. Sempre que buscamos uma relação com a terra em que nada de nós se demita, adie ou transfira. (Andresen, 1975, p. 114)

Integrar o humano no seu meio natural é uma reflexão persistente em Sophia. É fundamental lembrar como a autora definiu a arquitetura sendo a arte “mais ligada à vida”, expressão de uma “relação justa com a paisagem e com o mundo social”. Refletindo sobre as construções no Algarve, alerta na revista *Távola Redonda* que é urgente evitar os seguintes perigos: “a incompetência, o saloismo, as especulações com terrenos, os maus arquitetos, o falso tradicionalismo, a mania do luxo e da pompa, as obras de fachada.” No mesmo texto, diz ser “preciso evitar a falta de amor. [...] Aqueles que não amam nem o espaço, nem a sombra, nem a luz, nem o cimento, nem a pedra, nem a cal, nem o próximo, não poderão criar boa arquitetura” (Andresen, 1963). Defende que a beleza não é cara (é mais cara a pretensão), dependendo mais da cultura do que do dinheiro.

Este texto mantém vivas inquietações apresentadas no manifesto que transformou a maneira de pensar a arquitetura em Portugal: “O problema da casa portuguesa”, de Fernando Távora, publicado pela primeira vez no semanário *ALÈO*, a 10 de novembro de 1945, e onde se critica fortemente a falta de visão arquitectónica. As obras não pertencem a um indivíduo, mas a uma comunidade constituída pelos presentes e pelos que hão-de vir.

A Arquitectura não pode nem deve submeter-se a *motivos*, a por menores mais ou menos curiosos, a bisantinices arqueológicas. Esqueceram e esquecem ainda os autores dessas «Casas à portuguesa» que as formas tradicionais de toda a arte de edificar não representam capricho decorativo ou manifestação barroca. De

² A este propósito, leiam-se as palavras de Emanuel Coccia, no livro *Metamorfoses*: “a arquitetura não é apenas a relação ativa entre uma espécie e o mundo, mas a relação necessária entre eles. É enquanto arquiteto do mundo que cada espécie está em relação com as outras. A arquitetura não é apenas um assunto humano, não é apenas um fato cultural, nem sequer a relação entre uma espécie e o espaço, uma forma de vida e seu mundo. É o paradigma da relação interespecífica” (Coccia, 2020, p. 135).

início, e aí com o seu verdadeiro sentido, as formas arquitectónicas resultam das condições impostas ao material pela função que é obrigado a desempenhar e ainda de um espírito próprio daquele que age sobre o mesmo material. Daí que em toda a boa Arquitectura exista uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si todas as formas, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias. (Távora, 1947)

Em “Arte poética I”, texto publicado pela primeira vez na revista *Távola Redonda* em dezembro de 1962, Sophia diz não falar “de uma beleza estética mas sim de uma beleza poética”: “sei que a beleza não existe em si mas é apenas o rosto, a forma, o sinal de uma verdade da qual ela não pode ser separada” (Andresen, 2015, p. 889). Reconhece que a qualidade do que é belo não é independente da sua manifestação física; a beleza assume-se como um sinónimo de verdade. Por isso, habitar com beleza será o mesmo que habitar com verdade.

Sophia tem na casa um tema recorrente: entre o apelo dos espaços de infância e uma ideia concreta de construção – branca, limpa – que amplia possibilidades de inteireza. O papel de quem desenha a casa será integrá-la no meio com harmonia e revelar no artifício construído o divino que, antes da ação humana, já lá estava. A casa tem, então, a possibilidade de revelar o sublime e o sagrado – o que pode ser visto, o que pode ser tocado. Aqui não há nenhuma transcendência: “O divino é interior à natureza, consubstancial à natureza. O ser está na *physis*. O mundo está como que percorrido por uma alegria essencial que se mostra, que emerge” (Andresen, 1975, p. 29).

Mas, contra a harmonia, surge o erro. No conto andrenesiano “O jantar do bispo” (*Contos exemplares*) existe um confronto entre o equilíbrio e o excesso, opondo-se a proporção certa ao que é falso e complicado.

A casa era grande, branca e antiga. Em sua frente havia um pátio quadrado. À direita um laranjal onde noite e dia corria uma fonte. À esquerda era o jardim de buxo, húmido e sombrio, com suas camélias e seus bancos de azulejo. [...] Daquela casa tão bela, com as suas linhas limpas, com os seus materiais nobres e pobres, com as paredes caiadas, os azulejos e a grande fachada clara e direita cuja beleza estava só no equilíbrio certo dos espaços e dos volumes e na nudez da cal e da pedra.

Mas dentro já qualquer coisa rompia a harmonia.

Móveis pomposos, falsos e doirados, tinham sido acrescentados às antigas mobílias escuras. Um estranho novo-riquismo invadia devagar a antiga, simples e austera nobreza. Um excesso de tapetes escondia a doce madeira do chão. Cortinas complicadas injuriavam o brilho frio do azulejo e a casta cal das paredes. (Andresen, 1962, p. 45-51)

Para Sophia, erguer uma casa deve responder a um princípio de procura de simplicidade – apelo da *areté* contra a *húbris* – e inteireza, como o poema andrenesiano. Note-se como Silvina Rodrigues Lopes considera que as imagens e ideias de Sophia *implicam-se e implicam-nos*: “Participam de uma arquitetura de destinações em que o visível interpela o invisível, o impessoal se faz eco do mais pessoal, o reconhecível anuncia o desconhecido” (Lopes, 1990, p. 39). A casa de Sophia dança entre o centro da intimidade e o apelo do que está fora. É pertinente lembrar um inédito que se encontra no espólio da poetisa com os seguintes versos: “Primeiro, moramos nas casas. Depois, quando as perdemos, elas moram-nos” (Morão, 2013, p. 104-119). Há aqui uma primitividade que permanece – mesmo na perda – e que sofre a ameaça persistente da divisão: “A raiz da paisagem foi cortada./ Tudo flutua ausente e dividido./ Tudo flutua sem nome e sem ruído” (Andresen, 1950, p. 236).

Leia-se o poema “Musa”.

Pois o tempo me corta
O tempo me divide
O tempo me atravessa
E me separa viva
Do chão e da parede
Da casa primitiva

(Andresen, 1962, p. 438)

Se a casa primeira funda a identidade, o que fica dessa memória? Convoco os versos do poema “Habitação”:

Porém a poesia permanece
Como se a divisão não tivesse acontecido
Permanece mesmo muito depois de varrido
O sussurro de tília junto à casa de infância

(Andresen, 1989, p. 785)

Desabita-se a casa de infância, mas a poesia continua para lá da separação – é essa poesia que será fundadora de uma consciência.

A poetisa alertou com insistência para a fragilidade da democracia que não impulsiona uma plataforma de cultura acessível a todos.³ Sabendo que tudo *corta e divide*, vê na poesia um reduto de liberdade, uma moral. Falar de poesia e de democracia é, na sua obra e intervenção política e cívica, falar da casa. Como se a poesia não pudesse emergir na ausência de um primeiro abrigo que direciona o olhar para o que é belo. Casa – poesia – democracia: é este o itinerário da revolução?

Vivendo os dias de grande inquietação e esperança do golpe militar de 25 de abril, o poema “Revolução” foi escrito dois dias depois, a 27 de abril de 1974.⁴ São muito conhecidas as palavras de Sophia que nomeiam a madrugada esperada, “o dia inicial inteiro e limpo” (Andresen, 1977, p. 668) do poema “25 de abril”. Menos repetidas são as palavras do poema que também integra *O nome das coisas*, livro com a maior esperança de reconstrução, fixando um período histórico do movimento revolucionário sem precedentes.

Como casa limpa
Como chão varrido
Como porta aberta

Como puro início
Como tempo novo
Sem mancha nem vício

Como a voz do mar
Interior de um povo

Como página em branco
Onde o poema emerge

Como arquitectura
Do homem que ergue
Sua habitação

(Andresen, 1977, p. 669)

“Casa limpa”, “chão varrido”, “puro início”, o poema emerge como o humano ergue a sua habitação. A revolução é uma nova casa, e repare-se como o construir de Sophia

³ “Nenhuma democracia é possível enquanto não há uma plataforma de cultura acessível”, declarou na entrevista já citada à Emissora Nacional, dez dias após o 25 de abril de 1974.

⁴ Como aponta Rosa Martelo no ensaio “Os dias da Revolução”, os poemas “25 de abril” e “Revolução” constam de uma folha manuscrita disponível em <<https://purl.pt/19841/1/1970/galeria/f2/foto1.html>> (Acesso em 06 fev. 2024).

implica sempre um movimento ascensional e de verticalidade. Lembro a frase de Frank Lloyd Wright: “O que é mais necessário na arquitetura atual é justamente o que é mais necessário na vida – integridade” (*apud* Pallasmaa 1996, p. 68). Poder-se-ia completar esta frase com as palavras de Sophia que dizem que “Pela qualidade e grau de beleza da obra que construímos se saberá se sim ou não vivemos com verdade e dignidade” (Andresen, 1963).

Juhani Pallasmaa, em *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*, aponta que a arquitetura projeta significados, direcionando a nossa consciência, o nosso comportamento e o nosso movimento. “A arquitetura significativa faz com que nos sintamos como seres corpóreos e espiritualizados” (*Ibid*, p. 11). Esta disciplina atribui maior significado à existência humana ao dar uma medida humana às dimensões do espaço e do tempo. E criando lugares no espaço.⁵ Por isso, repensar o habitar depois do 25 de abril foi um sinal evidente dos tempos de grande intensidade na reconfiguração e ampliação de identidades: como habitar?

Alexandre Alves Costa recorda os dias do SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local, programa criado após a Revolução dos Cravos para colmatar necessidades de alojamento precário e uma referência na participação popular no processo arquitetónico de desenho habitacional e urbano. Nesse período, o arquiteto evoca a utopia em concretização para combater a forte disparidade social:

construir a casa era para todos, porque não se podia imaginar nada que não fosse para todos. Este foi o momento em que se pensou o habitar de uma maneira mais profunda, e até os arquitectos participaram de forma tão natural e normal, tendo contribuído mesmo no plano político, não se sentindo desapropriados da possibilidade de poderem exercer a sua arte. (Baptista e Pacheco, 2010, p. 132)

Em Sophia, o ideal de beleza da casa liga-se a uma simplicidade e nudez primevas. Maria Andresen cita estas palavras pertinentes encontradas num papel do espólio da poetisa: “Dai-me a casa vazia e simples onde a luz é preciosa. Dai-me a beleza intensa e nua do que é frugal. Dai-me a claridade daquilo que é exactamente necessário. Que a vida seja limpa de todo o luxo e de todo o lixo” (Andresen, 2013, p. 175). O excesso que abre o desacerto, como evidenciado no conto “O jantar do bispo”, é um obstáculo à realização

⁵ Marc Augé diferenciou com clareza os dois conceitos, apontando que o “termo “espaço” em si próprio é mais abstracto do que o de “lugar”, “através de cujo emprego nos referimos pelo menos a um acontecimento (que teve lugar), a um mito (lieu-dit, lugar-dito-de) ou a uma história (haut lieu, lugar nobre). Aplica-se indiferentemente a uma extensão, a uma distância entre duas coisas ou dois pontos (deixa-se um “espaço” de dois metros entre cada poste de uma vedação) ou a uma ordem de grandeza temporal (“no espaço de uma semana”)” (Augé, 1992, p. 70-71).

do projeto claro e concreto de tomada de consciência e de denúncia de injustiça. Como a casa do poema “Projecto I”:

O longo muro alentejano e branco
O desejo de limpo e de lisura
Aqui na casa térrea a arquitectura
Tem a clareza nua de um projecto
(Andresen, 1977, p. 672)

ou nestes versos de “A Casa Térrea”:

Então construirás a tua casa na planície costeira
A meia distância entre montanha e mar
Construirás — como se diz — a casa térrea —
Construirás a partir do fundamento
(*Ibid*, p. 678)

A casa fundida na terra é imagem da solidez a partir da qual se pode realizar o projecto. No poema “A casa de Deus”, datado de 1990, a casa “é feita de matéria para habitação do espírito”, “uma casa que se situa na imanência” (Andresen, 2005, p. 922-923). Não sabemos se Sophia leu Marco Vitruvius, mas é possível estabelecer um diálogo entre as suas ideias e os princípios do tratado do período greco-romano *De Architectura*, datado do século I a.C., em que o arquiteto romano apresenta os três princípios fundamentais da arquitetura, *firmitas*, *utilitas* e *venustas* – firmeza, funcionalidade e beleza. A construção deve ser sólida e durável, atender às necessidades humanas e ter uma estética agradável (Vitruvius, s/d). A tríade vitruviana possibilita o *estar poeticamente no mundo* ao implicar uma integração harmoniosa do corpo no espaço – como defende o filósofo Schelling, a “alma da filosofia é o idealismo, o realismo é o corpo; só os dois reunidos constituem uma totalidade viva. Este último não pode produzir o princípio, mas deve ser o fundamento e o meio no qual aquele se efectiva, toma carne e sangue” (Schelling, 1809, p. 60).

A poesia de Sophia, parecendo (numa primeira leitura) não tematizar o corpo, tem-no muito presente como medida de escala e recetor sensorial — em que o corpo se apropria do espaço e o espaço se apropria do corpo. E se contém fortemente um carácter confessional, funde-se num exercício de despersonalização em que se amplia para ser outra coisa: “E o vento contra as janelas/ Faz-me pensar que eu talvez seja um pássaro” (Andresen, 1950, p. 234). A apreensão do espaço não é apenas feita com a visão, mas convoca todos os sentidos. É interessante atentar no que escreve Delfim Sardo, apontando

que são os corpos que “segregam espaço porque lhe dão eixos de orientação, mas também porque definem para o espaço sentido, ou sentidos” (Sardo, 2010, p. 32). O espaço é inerente à representação a partir de uma nomenclatura que os introduz. No poema “Lisboa” (livro *Navegações*), Sophia diz Lisboa para que a cidade a que chega surja nascida do seu nome⁶. Nomear é desocultar, procurar a palavra que abre a direção espacial. Importa ainda meditar nas palavras de Sardo em que a clivagem surge clara porque “a arquitectura trabalha sobre a realidade do espaço vivenciado, e a arte trabalha sobre os mecanismos de representação da espacialidade” (*Ibid*, p. 28). Se o espaço define a nossa representação do mundo, mais do que isso “é a nossa forma de representação da possibilidade do mundo” (*Ibid*, p. 31-32).

A casa ergue-se em relação ao território e à paisagem, referente identitário que direciona o movimento e o olhar⁷. Se um corpo vive em relação a outro corpo, habitar também implica uma abertura; a janela, em Sophia, surge como proteção mas, também, possibilidade de fuga. Inicia o movimento de atenção ao redor a partir do centro íntimo da casa; isso resulta numa representação espacial que não é, tendencialmente, a do desequilíbrio — mas a da proporção e da justa medida que procura desocultar no mundo a simetria primeira. Com que fim?

Atentámos na casa aliada à poesia, primeiro ponto do itinerário; pensemos agora a revolução. É pertinente voltar a 6 de junho de 1973, momento em que Sophia de Mello Breyner Andresen coloca em funções os membros da lista única à Associação Portuguesa de Escritores e apela à resistência contra a degradação da vida, desejando que a Associação “seja um lugar de encontro e de confronto que contribua para uma consciência colectiva da cultura cada vez mais exigente e rigorosa e cada vez mais ligada à vida. Escrever é exigir e não aceitar” (Mendes, 2013, p. 220). Partilha um desejo e um apelo de combate — de novo — à alienação.

Espero que esta Associação defenda a presença efectiva e real do poeta na cidade do homem. Mas mais ainda desejo que esta Associação — opondo-se a todas as formas de alienação que desfiguram a existência da sociedade actual — defenda a presença prática da poesia na vida do homem. [...] A poesia é necessa-

⁶ “Digo:/ «Lisboa» /Quando atravesso — vinda do sul — o rio/ E a cidade a que chego abre-se como se do seu nome nascesse” (Andresen, 1983, p. 719).

⁷ Diz Gonçalo M. Tavares que “As coisas arquitectónicas estão a decidir para onde é que vamos ou para onde é que olhamos, que é uma coisa fundamental, que determina quase tudo. Para onde eu olho é, muitas vezes, o ponto de origem do pensamento.” Na mesma conversa, José A. Bragança de Miranda avança um conceito interessante sobre a casa, podendo “ser vista à luz da ideia de “dobra” de Deleuze. Ela é uma dobra no espaço. Fazer uma dobra implica o trabalho de uma linha que atravessa o espaço que nós construímos sobre a terra, que costura nesse espaço a própria natureza” (Baptista e Pacheco, 2010, p. 100-103).

riamente política porque uma cidade sem poesia é uma cidade desmantelada e morta. (*Ibid*, p. 221)

José Manuel Mendes recorda estas palavras e a força do seu desígnio cultural. E avança no tempo até 10 e 11 de maio de 1975, período pós-revolucionário, para lembrar como Sophia leu com dicção ritmada e encantatória o manifesto “Poesia e revolução”. Cito trechos do texto lido no I Congresso de Escritores Portugueses.

E porque busca a inteireza, a poesia é, por sua natureza, desalienação, princípio de desalienação, desalienação primordial. Liberdade primordial, justiça primordial.

[...]

E caminhar para a frente é emergir da divisão. É rejeitar a cultura que divide, que nos separa de nós próprios, dos outros e da vida.

[...]

Por isso rejeitamos o uso burguês da cultura que separa o cérebro da mão. Que separa o trabalhador intelectual do trabalhador manual. Que separa o homem de si próprio, dos outros e da vida.

[...]

E porque desalienar, conquistar a inteireza de cada homem é a finalidade radical de toda a política revolucionária, o projeto de uma política real é por sua natureza paralelo ao projeto da poesia.⁸

Este é o projeto de Sophia: fundar a beleza da casa – que funda a poesia – que funda a política, a cultura, a democracia – que fundam a revolução.

Onde fica “O país linear e transparente/ E sua luz de prumo e de projecto?” (Andresen, 1977, p. 684). Na celebração dos cinquenta anos sobre o 25 de abril, hoje, em Portugal, perguntamos: casas para quem? Milhares de pessoas manifestam-se pelo direito à habitação, gritando palavras de ordem como “Abril exige casa para viver”⁹. Ainda antes da beleza da casa urge, claro, a certeza de existir o abrigo. Sem esse fundamento é frágil o futuro da democracia. A crise climática agudiza o clima de tensão e “falarmos da salvação do mundo não pode ser muito diferente de falarmos do reequilíbrio ecológico de um planeta a que chamamos Terra, o qual passaria muito bem sem nome, provavelmente – e

⁸ Cf. Poesia e Revolução: <https://escamandro.wordpress.com/2019/08/31/poesia-e-revolucao-por-sophia-de-mello-breyner-andresen/> (Acesso em: 10 fev. 2024).

⁹ “Fartos de escolher, pagar a renda ou comer”. Milhares marcham pela habitação em Lisboa e no Porto”, in <https://www.publico.pt/2024/01/27/economia/reportagem/casa-marcha-habitacao-avanca-avenida-lisboa-2078361> (Acesso em: 10 fev. 2024).

sem nós, humanos seres nomeadores de todas as coisas vivas e mortas, possíveis e impossíveis” (Martelo, 2022, p. 196).

Como habitar?

“A regra a seguir é esta: uma casa para todos e beleza para todos” (Andresen, 1963), defendeu a poetisa. Acreditou estar a resposta na Antiguidade Clássica, não sendo possível acordo do humano consigo mesmo nem com a terra “se não conseguirmos emergir da civilização exilante e mutilante onde nos emaranhamos e se não conseguirmos retomar o caminho que a Grécia arcaica traçou” (Andresen, 1975, p. 115). Foi já referido que o livro *O nome das coisas* traz a marca de reconstrução, mas traz também a inquietação de se cometer um novo erro, uma denúncia de que o jogo parece viciado.¹⁰ Se neste livro a palavra *projeto* é muito repetida, em obras posteriores, como aponta Sofia de Sousa Silva, a palavra quase desaparece (Silva, 2022, p. 166).

E se a poetisa não teve “Mãos certeiras do pedreiro/ Mãos hábeis do carpinteiro/ Mão exacta do pintor/ Cálculo do engenheiro/ Desenho e cálculo do arquitecto”¹¹ (Andresen, 2015, p. 922) para erguer casas no mundo físico, teve a consciência ética e poética de que a palavra é resistência e fundamento, como casa térrea, do sonho. Soube das muitas (demasiadas) construções e revoluções por cumprir. Com “Palavras silabadas/ Unidas uma a uma/ Às paredes da casa” (Andresen, 1967, p. 517) há a possibilidade de defender a liberdade e um outro mundo. Isso é muito evidente no poema “A forma justa”, com que concludo.

Sei que seria possível construir o mundo justo
As cidades poderiam ser claras e lavadas
Pelo canto dos espaços e das fontes
O céu o mar e a terra estão prontos
A saciar a nossa fome do terrestre
A terra onde estamos — se ninguém atraíçoasse — proporia
Cada dia a cada um a liberdade e o reino
— Na concha na flor no homem e no fruto
Se nada adoecer a própria forma é justa
E no todo se integra como palavra em verso
Sei que seria possível construir a forma justa

¹⁰ Responde Sophia em entrevista a Eduardo Prado Coelho: “O 25 de Abril foi um dos momentos de máxima alegria da minha vida. Foram dias que vivi em estado de levitação. [...] Mas ao mesmo tempo foi uma ocasião perdida, de uma maneira terrível, talvez porque não está na natureza das coisas cumprir aquilo que o 25 de Abril prometia... É um pouco como a adolescência que tem em si imensas possibilidades que depois se vão malogrando.”

¹¹ Sendo entendida por Sophia como “um trabalho com a medida e o número, linhas, ângulos e faces, a arquitectura não é menos uma questão de moral: «A essência universal das formas justas» (Martins, 2013, p. 100).

De uma cidade humana que fosse
Fiel à perfeição do universo
Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco
E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo
(Andresen, 1977, p. 710)

Referências

- ANDRESEN, Maria. “Entre a sombra e ‘a luz mais que pura’: sobre espólio e a poesia de Sophia”, in AA.VV., **Sophia de Mello Breyner Andresen – Actas do Colóquio Internacional**, org. Maria Andresen. Porto: Porto Editora, 2013.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral**. 1950; ed. ut.: **Obra poética**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.
- _____. **Contos exemplares**. 1962; ed. ut.: Porto: Figueirinhas, 2006.
- _____. **Livro Sexto**. 1962; ed. ut.: **Obra poética**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.
- _____. “Pelo negro da terra e pelo branco do muro”. 1963, nº 21, **Távola Redonda**, Disponível em: <<https://www.publico.pt/2002/08/10/jornal/pelo-negro-da-terra-e-pelo-branco-do-muro-173555>> (Acesso em: 06 fev. 2024).
- _____. **Geografia**. 1967; ed. ut.: **Obra poética**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.
- _____. **Dual**. 1972; ed. ut.: Porto: Porto Editora, 2019.
- _____. **O nu na Antiguidade Clássica**. 1975; ed. ut.: Porto: Porto Editora, 2019.
- _____. Entrevista à Emissora Nacional a 5 de maio de 1974, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=e5JU6e44Iw8&list=PLB_pGDH0pKjlrC8XBqqhKN23DS-OPf-JHm (Acesso em: 06 fev. 2024).
- _____. **O nome das coisas**. 1977; ed. ut.: **Obra poética**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.
- _____. “Poesia e Revolução”. 1977 In: <<https://escamandro.wordpress.com/2019/08/31/poesia-e-revolucao-por-sophia-de-mello-breyner-andresen/>> (Acesso em: 10 fev. 2024).
- _____. **Navegações**. 1983; ed. ut.: **Obra poética**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.
- _____. “Sophia de Mello Breyner Andresen Fala a Eduardo Prado Coelho”, *ICALP*, 6, 1986, p. 74, Disponível em: <<https://purl.pt/19841/1/galeria/entrevistas/f11/pag1.html>> (Acesso em: 12 fev. 2024).

_____. **Ilhas**. 1989; ed. ut.: **Obra poética**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.

_____. “Artes poéticas I e III” In: **Obra poética**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.

_____. “Poemas Dispersos” In: **Obra poética**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.

BACHELARD, Gaston. **La poétique de l’espace**. 1957; ed. ut.: **A poética do espaço**, trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BAPTISTA, Luís Santiago, PACHECO, Pedro. “Falemos de casas... Em Portugal” In: **Falemos de casas: entre o norte e o sul** – Catálogo da exposição inserida na Trienal de Arquitetura de Lisboa. Lisboa: Athena, 2010.

BELO, Ruy. **O problema da habitação**. 1962; ed. ut.: Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

COCCIA, Emanuele. **Métamorphoses. 2020**; ed. ut.: **Metamorfoses**, trad. Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2020.

CRISÓSTOMO, Pedro, VOLTA E PINTO, José, “‘Fartos de escolher, pagar a renda ou comer’. Milhares marcham pela habitação em Lisboa e no Porto”, 27 de janeiro de 2024, Público, <<https://www.publico.pt/2024/01/27/economia/reportagem/casa-marcha-habitacao-avanca-avenida-lisboa-2078361>> (Acesso em: 12 fev. 2024)

HEIDEGGER, Martin. “Bauen, wohnen, denken”, 1951; ed. ut.: “Construir, habitar, pensar”, trad. Victor Hugo de Oliveira Marques, Campo Grande, **Multitemas**, vol. 23, nº 53, 2018: 275-294. DOI: <<http://dx.doi.org/10.20435/multi.v23i53.1593>> (Acesso em: 12 fev. 2024).

HÖLDERLIN, Friedrich. **Poemas**; ed. ut.: Trad. e Sel. Paulo Quintela, Lisboa: Relógio D’Água, 1991.

LOPES, Silvina Rodrigues. **Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen**. Lisboa: Editorial Comunicação, 1990.

MARTELO, Rosa Maria. **Devagar, a Poesia**. Lisboa: Documenta, 2022.

_____. “Os dias da revolução” In: AA.VV., **Sophia de Mello Breyner Andresen – Actas do Colóquio Internacional**, org. Maria Andresen. Porto: Porto Editora, 2013.

MARTINS, Fernando Cabral. “Elementos de geometria poética”, In: AA.VV., **Sobre Sophia: novas leituras**, org. Maria Andresen e Fernando Cabral Martins. Porto: Porto Editora, 2022.

MENDES, José Manuel. “Sophia e o associativismo de escritores” In: AA.VV., **Sophia de Mello Breyner Andresen – Actas do Colóquio Internacional**, org. Maria Andresen. Porto: Porto Editora, 2013.

MORÃO, Paula. “ ‘Nunca nada é inventado’: Ruben A. e Sophia de Mello Breyner Andresen” In: AA.VV., **Sobre Sophia: Novas Leituras**, org. Maria Andresen e Fernando Cabral Martins. Porto: Porto Editora, 2022.

PALLASMAA, Juhani. **The eyes of the skin: architecture and the senses**. 1996; ed. ut.: **Os olhos da pele**, trad. Alexandre Salvaterra, Porto Alegre: Bookman, 2011.

SARDO, Delfim. “Quando a arte fala arquitectura – Construir, desconstruir, habitar, In: **Falemos de casas: quando a arte fala arquitectura** – Catálogo da exposição inserida na Trienal de Arquitectura de Lisboa, Lisboa: Athena, 2010.

SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph von. **Philosophische Untersuchungen über das Wesen der menschlichen Freiheit und die damit zusammenhängenden Gegenstände**. 1809; ed. ut.: **Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana**, trad. Carlos Morujão, Lisboa, Edições 70, 1993.

SILVA, Sofia de Sousa. “Projeto: derivações e deriva” In: AA.VV., **Sobre Sophia: Novas Leituras**, org. Maria Andresen e Fernando Cabral Martins. Porto: Porto Editora, 2022.

SOPHIA de Mello Breyner Andresen no seu tempo. Momentos e Documentos, Biblioteca Nacional de Portugal, Disponível em: < <https://purl.pt/19841/1/> > (Acesso em: 12 fev. 2024).

TÁVORA, Fernando. “O problema da casa portuguesa” In: **Cadernos de Arquitectura n.º1**, Lisboa, 1947, <https://revisitavora.wordpress.com/2018/06/27/o-problema-da-casa-portuguesa-fernando-tavora-2/> (Acesso em: 14 fev. 2023).

VITRÚVIO, Marco. **De architectura libri decem**. (s/d); ed. ut.: **Tratado de Arquitectura**, trad. M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.